


Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 61519
Título: Viticultores pedem ajuda ao Governo, Jaime Silva promete solidariedade					Temática: Generalista	GRP: 4.3
2006/06/17	PUBLICO – PRINCIPAL		Pág. 41		Imagem: 1/1	Periodicidade: Diária

Viticultores pedem ajuda ao Governo, Jaime Silva promete “solidariedade”

Visita do ministro da Agricultura ao Douro vinhateiro, com prejuízos devido à tempestade de granizo, não tranquilizou os agricultores

CELESTE PEREIRA

Menos de dois dias depois da tempestade de granizo que se abateu sobre algumas povoações dos concelhos São João da Pesqueira, Alijó, Sabrosa e Tabuaço, causando elevados prejuízos na agricultura local, o ministro da Agricultura, Jaime Silva, visitou a região para fazer uma primeira avaliação dos estragos. Os viticultores gostaram da rapidez da reacção governamental, mas no final da visita não escondiam alguma desilusão pelo facto de Jaime Silva não ter avançado com qualquer promessa para fazer face aos prejuízos ocorridos, sobretudo nas situações em que os agricultores não têm as suas colheitas de vinho do Porto no seguro, o que de resto corresponde à grande maioria.

“Senhor ministro, o agricultor do Douro está descapitalizado. Tem que fazer alguma coisa para nos ajudar”, diziam, repetidamente, os durienses que viram o produto do seu árduo trabalho desaparecer quase por completo em alguns minutos de tempestade diluviana. A maioria das vinhas afectadas são das mais bem classificadas em termos de benefício (autorização para produzir vinho do Porto). De algumas delas, agora só resta um emaranhado de varas feridas, sendo que as folhas e as uvas ficaram destruídas.

O problema é que a grande maioria dos agricultores afectados não tem seguros de colheita. Jaime Silva constatou a dura realidade e, no final da visita, em Sabrosa, confessou o seu desalento. “Estou surpreso e decepcionado, porque o Estado gasta anualmente 20

PAULO PIMENTA



Em algumas vinhas do Douro afectadas pela tempestade de quarta-feira o cenário é desolador

milhões de euros a apoiar os seguros, 75 por cento do custo dos seguros colectivos [no caso dos seguros individuais é 65 por cento] é pago pelo Estado e, mesmo assim, os senhores agricultores não têm seguros”, comentou ao PÚBLICO.

“O caminho é o seguro”

Durante toda a visita, Jaime Silva insistiu na necessidade dos seguros, sobretudo em zonas como a Região Demarcada do Douro (RDD), que com frequência é afectada por intempéries como esta. Se assim fosse, nesta situação os agricultores poderiam recorrer ao fundo de calamidade e o problema estaria, pelo menos parcialmente, resolvido.

Sem seguros, em situações de intempéries, os agricultores apelam invariavelmente à ajuda governamental. Mas, ontem, Jaime Silva não mostrou grande abertura para socorrer os viticultores. O governante admitiu que irá analisar a gravidade das situações “caso a caso” e que não deixará de ter uma “palavra de solidariedade”, mas foi avisando que o Governo não permitirá que a

falta de seguro afinal compense. “O Estado não pode, na primeira trovada ou calamidade, vir dizer que vai resolver tudo dando fundos. Temos que ser pedagógicos e dizer claramente que o caminho é o seguro”, sublinhou.

Jaime Silva deixou assim perceber que não haverá qualquer apoio semelhante ao que há dois anos foi disponibilizado pelo então Governo do PSD para fazer face à intempérie que ocorreu em Murça. Nessa altura, a tutela respondeu aos apelos dos agricultores, afectando uma verba de um milhão de euros.

Balanço só para a semana

Ontem, Jaime Silva insistiu na ideia de que a actual intempérie não causou tantos prejuízos como a que ocorreu em Murça, um cenário que foi rejeitado por Manuel António dos Santos, presidente da Casa do Douro. “Agora a situação é mais grave em extensão e conteúdo”, assegurava.

Segundo o ministro da Agricultura, a área atingida deverá rondar os 1700 hectares – a RDD tem 43 mil hectares

de vinhas para a produção de vinho do Porto –, embora com prejuízos diversos. O Governo conta fazer o balanço final da intempérie apenas depois das trovoadas darem sinais de abrandar, o que segundo os prognósticos da meteorologia ocorrerá somente no início da próxima semana.

Ontem, Jaime Silva informou ainda que os agricultores vão poder endossar o benefício para outros produtores e assim obter receitas ainda na vindima deste ano. Quanto aos constantes pedidos de realização de uma pulverização via aérea de toda a área afectada – como o Governo assegurou no caso de Murça –, o titular da pasta da Agricultura sustentou que a solução “não seria eficaz” nesta situação. Aliás, ontem mesmo a Direcção Regional de Agricultura transmontana lançou um aviso aconselhando os agricultores à “imediata realização de um tratamento antimídio e oídio, ao qual deve ser adicionado um adubo foliar com elevada percentagem de cálcio” para promover a cicatrização das feridas das videiras. ■

A falta de seguros e os riscos de intempérie

Para fazer um seguro colectivo de colheita, um agricultor paga por cada hectare de vinha aproximadamente 45 euros por ano, e o Estado assegura o pagamento dos restantes 75 por cento do prémio de seguro (no caso do seguro individual o prémio é um pouco mais baixo). O valor, aparentemente, não parece ser demasiado elevado, mas a grande maioria dos pequenos agricultores do Douro arriscam e não seguram as suas colheitas. Porque é que isso acontece? “Os viticultores estão muito descapitalizados e fazem contas ao risco de

terem intempéries nas suas vinhas e, como estas não são assim tão frequentes, não fazem os seguros”, explicou ao PÚBLICO António Graça, da Direcção Regional de Agricultura de Trás-os-Montes. Mesmo assim, ontem, o ministro da Agricultura assegurou que a região do vinho do Porto é a que regista o recorde de seguros na agricultura em Portugal. Das duas dezenas de adegas cooperativas existentes na RDD, “apenas seis não fizeram seguros colectivos de colheitas, sendo duas delas da zona afectada”, sublinhava o governante. ■

Oportunidade para encontrar soluções

“Adoro a Região Demarcada do Douro, é um Património Mundial que temos obrigação de ter bem gerido.” Ontem, num dos encontros mais acesos com os viticultores durienses, Jaime Silva respondeu assim às críticas de que o Governo esquece o Alto Douro vinhateiro. O governante adiantou que o próximo quadro comunitário vai ter apoios para financiar os viticultores, mas, alertou, estes serão canalizados apenas para aqueles que provarem a sua sustentabilidade. Para isso “terão que se agrupar

e ganhar dimensão para ter poder de negociar preços”. “O agricultor tem que perceber que sozinho não tem sustentabilidade”, sublinhou. Jaime Silva diz que, este ano, que a região vai comemorar 250 anos sobre a sua instituição, é “uma excelente oportunidade” para reflectir e procurar soluções para os problemas da região. Ontem, o governante anunciou ainda que em Setembro virá ao Douro a própria comissão europeia da Agricultura, a fim de participar nesta reflexão. ■